



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
III CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ZUMIRA GOMES SARAIVA SOUSA

**FORMAÇÃO DE PALAVRAS: O LATIM VULGAR NA SALA DE AULA DO ENSINO
FUNDAMENTAL II.**

CAJAZEIRAS-PB

2016

ZUMIRA GOMES SARAIVA SOUSA

**FORMAÇÃO DE PALAVRAS: O LATIM VULGAR NA SALA DE AULA DO ENSINO
FUNDAMENTAL II.**

Monografia apresentada ao III Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus de Cajazeiras, para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Msdo. Abdoral Inácio da Silva.

CAJAZEIRAS-PB

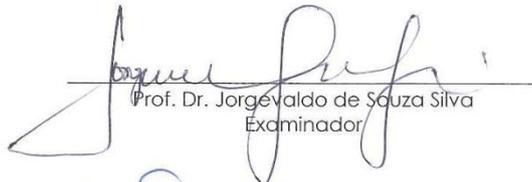
Título do Trabalho: **Formação de Palavras: o Latim Vulgar na Sala de Aula do Ensino Fundamental II**

Aluna: **Zumira Gomes Saraiva**

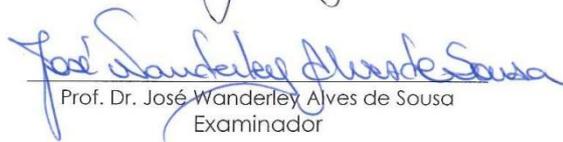
Monografia aprovada em 29 / 04 / 2016 como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da UFCG – Centro de Formação de Professores - Unidade Acadêmica de Letras, com o conceito Aprovada pela seguinte Banca:



Prof. Esp. Abdoral Inacio da Silva
Orientador



Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva
Examinador



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
Examinador

Cajazeiras - PB
2016

*É vida, espírito, germe, furacão, virtude e fogo;
Porque a palavra é o Verbo, e o verbo é Deus.
(Dieu)*

A todos aqueles que estiveram comigo em todos os momentos, meus amigos de curso e meu esposo, a vocês, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pela dádiva da vida e tantas outras graças a mim concedidas.

Aos meus pais, por todo carinho e dedicação e por me ensinarem que o melhor caminho de alcançar os objetivos é trilhando pelo caminho da retidão.

A meu esposo José Carlos, pelo incentivo diário, tornando essa caminhada mais suave. Ainda pela paciência e pelo apoio incondicional, e principalmente por nunca deixar-me desistir dos meus objetivos, eu agradeço.

A minha querida amiga Paula Regilândia, a quem admiro e muito estimo, pois sem ela talvez não eu não fizesse parte deste curso. E ainda aos demais colegas, pois eles tornaram esse momento de nossas vidas mais especial, pessoas que levarei para a vida toda, a todos, meu muito obrigado.

A meu orientador Prof. ° Abdoral Inácio da Silva, pelo incentivo e pela inspiração, pelo interesse no trabalho, pelas horas de dedicação. Agradecer ainda pelo apoio necessário quando precisei, pela paciência em todas as etapas deste trabalho e principalmente pelos ensinamentos ao longo deste processo, obrigada.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho trata da formação do léxico português rememorando as tantas transformações sofridas pela língua considerando os processos de mudanças até chegar ao que se chama hoje de Língua Portuguesa. Serão considerados os fatores internos e externos como, históricos, sociais e políticos, assim é de extrema importância destacar a forte influência que a Língua Latina provocou na formação do léxico português, levando em consideração as marcas observadas atualmente, já que foi dela que o português se originou. O trabalho propõe um estudo que discute a influência direta e indireta do latim vulgar na formação do léxico português, do ponto de vista etimológico e semântico que mesmo esquecidas ou não conhecidas pelos falantes são responsáveis pelo léxico usado atualmente. Discute-se como o tema é proposto nos livros didáticos e por extensão na escola. Propõe-se a partir disto a realização de uma análise de natureza qualitativa acerca da formação do léxico português, enfatizando quais principais influências sofreram ao longo dos anos em suas transformações. Para tanto serão apresentadas algumas propostas para trabalhar o tema em sala de aula. As ideias discutidas aqui são ancoradas em COUTINHO (2011), ILARI (2006), Teyssier (2001), para discutir as origens da Língua Portuguesa, às discussões semânticas, são pautadas nas discussões de Ullmann (1964), para análise será utilizado Sarmiento (2009), no intuito de contribuir para o ensino no que diz respeito à formação de palavras. De acordo com as discussões e pesquisas realizadas foi possível observar que o trabalho com formações de palavras nos anos finais do ensino fundamental em uma perspectiva diacrônica é, ainda pouco abordada e por isso a necessidade de se refletir esse tema é tão importante. Desta forma buscou-se formas simples e eficazes de aplicabilidade do conteúdo em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do léxico português. Etimologia. Semântica. Ensino de Língua Portuguesa.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS..... | 8 |
| 2 DO LATIM AO PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA..... | 11 |
| 2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA: A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA..... | 11 |
| 2.2 O LATIM CLÁSSICO..... | 13 |
| 2.2.1 O latim clássico e sua estrutura..... | 13 |
| 2.3 O LATIM VULGAR..... | 15 |
| 2.3.1 Transformações do latim clássico para o latim vulgar..... | 16 |
| 2.4 DO LATIM VULGAR AO GALEGO-PORTUGUÊS..... | 18 |
| 2.4.1 Algumas transformações para o galego-português..... | 18 |
| 3 A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL..... | 20 |
| 3.1 ASPECTOS ETIMOLÓGICOS E SEMÂNTICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA..... | 21 |
| 3.2 ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS..... | 27 |
| 3.3 ASPECTOS MORFOLÓGICOS..... | 28 |
| 3.4 ASPECTOS SINTÁTICOS..... | 29 |
| 3.5 FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS..... | 21 |
| 4 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: UM OLHAR DIACRÔNICO..... | 30 |
| 4.1 ESTUDAR A FORMAÇÃO DO LÉXICO PARA QUE?..... | 31 |
| 4.2 BREVE ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO..... | 32 |
| 4.3 PROPOSTA DE ATIVIDADES..... | 38 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
| 6 REFERÊNCIAS..... | 46 |

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Falar da formação do léxico português é rememorar as tantas transformações sofridas pela língua. Foram muitos os processos de mudanças na língua até chegar ao que se chama hoje de Língua Portuguesa, tais mudanças foram condicionadas tanto por fatores internos como por fatores externos, tais como históricos, sociais e políticos que são responsáveis pela ocorrência dessas mudanças linguísticas.

Sobre estas várias modificações na língua ao longo dos anos, Coutinho (2011, p.43) afirma que “além da diversidade de meio, da extensão territorial e da topografia irregular dos vários domínios romanos, elementos importantes na transformação de uma língua, outras costumam ser invocadas: a) a histórica; b) a etnológica; c) a política.” Logo, essas evoluções da língua, dependeram de uma série de aspectos que devem ser considerados.

Para melhor compreender essas mudanças e evoluções que ocorreram na língua, faz-se necessário conhecer as origens da mesma. Uma das causas externas que, aqui cabe mencionar foi o processo de romanização a que após longos anos deu origem à formação dos reinos da Península Ibérica por volta de 218 a.C. Tal processo implicou na divisão destes reinos criando fronteiras políticas o que contribuiu consideravelmente para a formação de fronteiras linguísticas, que dividiu assim o Latim Vulgar Hispânico do qual se originaram as várias línguas ibéricas, cada uma com suas peculiaridades. Por isso, conhecer a história da Península Ibérica é conhecer a própria história, no que diz respeito à língua que aqui se fala. Desta divisão política, que foi também linguística, surgiu o Galego-Português advindo do Latim Vulgar Hispânico, do qual se originou a Língua Portuguesa. É de extrema relevância destacar que neste período de formação política, por volta do século IV d. C, muitos povos se instalaram na Península, como germânicos, árabes, celtas, vândalos, suevos, entre outros povos, os quais tiveram considerável influência para a formação do léxico português.

Diante destas considerações é de extrema importância destacar a forte influência que a Língua Latina exerceu na formação do léxico português, levando em consideração as marcas desta atualmente. É relevante também destacar que é no Latim vulgar que se fundamenta esta análise, já que é dele que o português se originou. Nessa perspectiva Cardeira (2006, p.21) afirma que o “**Latim vulgar** designa a língua com todas as suas variedades e tem sido utilizada para a distinguir da modalidade literária.” Ou seja, o Latim dividia-se entre duas modalidades que era o *sermo vulgaris* e *sermo urbanus* sendo que o primeiro era utilizado corriqueiramente por várias camadas da população romana, mais usada pelo povo inculto, no entanto, foi ela que passou a influenciar a formação de outras de outras línguas românicas,

dentre elas está a língua portuguesa. Já o *sermo urbanus* foi justamente a outra modalidade utilizada por grandes escritores.

Esta análise faz-se necessária devido às indagações feitas pelos falantes e estudantes da língua, estejam eles inseridos na sociedade de modo geral, na escola regular ou até mesmo na academia. Neste sentido tal estudo faz uma abordagem etimológica da formação do léxico, bem como os sentidos que a ele foram e ainda são veiculados, ou seja, semântico, ressaltando as circunstâncias linguísticas, históricas, sociais e necessidade de denominação, nomeadas por Ullmann (1964). Foi importante observar também como este tema é trabalhado na escola do ensino regular da educação básica, ou seja, como esta abordagem histórica é discutida em sala de aula e de como estas transformações ocorreram na língua portuguesa. É sabido que o estudo da formação da língua se dá de forma superficial, deixando muita lacuna na compreensão, no que diz respeito à formação lexical portuguesa.

Não se pretende aqui fazer uma abordagem crítica ao ensino pautado no estudo da gramática normativa, mas sim complementá-lo, já que tanto gramáticas normativas quanto os livros didáticos não trazem um estudo reflexivo da língua no que diz respeito a sua formação e transformações e, sobretudo, às alterações de sentido. Isso acarreta por vezes um aprendizado fragmentado e sem maior reflexão acerca da formação das palavras, pois se observa que tanto os livros didáticos quanto gramáticas apenas trazem listas de prefixos e sufixos latinos e gregos, sem no entanto, explicitarem sua etimologia e tão pouco seu sentido de maneira a contemplar os estudos etimológicos e semânticos da formação da palavra.

É sabido que o nosso léxico foi formado pelo Latim vulgar, em sua grande parte, no entanto, poucos são aqueles que conhecem de forma efetiva o processo de transformação lexical da língua portuguesa, o que é de extrema relevância para a compreensão de alguns usos sejam eles formais e até mesmo informais da língua.

Como afirma o próprio Ullman (1964, p. 7) “os dois ramos mais importantes da linguística tratam diretamente das palavras: a etimologia, estudo da origem das palavras, e a semântica, estudo do significado das palavras”. Sendo assim estes dois ramos serão discutidos ao longo do trabalho, no intuito de esclarecer algumas das lacunas que ainda persistem com o passar dos anos da formação do léxico português.

Partindo de tais pressupostos, objetiva-se neste trabalho, propor um estudo para discutir a influência direta e indireta do latim vulgar na formação do léxico português, e sua aplicabilidade ao contexto do Ensino Fundamental II, as influências etimológicas e semânticas que mesmo esquecidas ou não conhecidas pelos falantes foram responsáveis pela

formação do léxico, usado atualmente. Além de discutir como este tema é proposto nos livros didáticos e por extensão na escola.

Propõe-se a realização de uma pesquisa de natureza qualitativa acerca da formação do léxico português, enfatizando quais principais mudanças correram ao longo dos anos e algumas transformações. Nesse sentido será abordada a história da Língua Portuguesa, o seu percurso e transformações para a formação do léxico falado atualmente bem como as modificações no aspecto semântico, ou seja, quais as possíveis influências ocorreram na alteração dos sentidos no léxico. Serão observados também como o livro didático traz essa questão. Para finalizar será apresentada uma proposta pedagógica, na qual será sugerindo ideias para o ensino da língua na perspectiva a apresentada.

Para o auxílio das discussões teóricas e metodológicas serão utilizadas obras de extrema relevância para o desenvolvimento do tema proposto. Entre elas estão *Linguística Românica* (2006) de Rodlfo Ilari, na qual o autor discute a formação do léxico português, *Gramática Histórica* (2011) de Ismael Lima Coutinho e Júlio Comba *Programa de Latim* (2003). Neste mesmo viés outro teórico referenciado será Serafim da Silva Neto com as obras *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (1976), obra na qual o autor traz uma importante discussão sobre o latim e sua expansão.

Já em relação ao aspecto semântico a abordagem será ancorada na obra *Semântica: uma introdução à ciência do significado* (2006) de Stephen Ullmann.

Para análise utilizou-se o livro didático *Português: Leitura. Produção. Gramática* (2009) da autora Leila Lauer Sarmiento, referente ao oitavo ano do ensino fundamental anos finais.

O trabalho está organizado em três capítulos, divididos da seguinte forma: no primeiro será abordada uma perspectiva histórica, onde será realizada uma análise, de forma breve, do Latim Clássico até o português, dando ênfase ao Latim Vulgar. No segundo capítulo será realizada uma discussão a respeito do livro didático do 8º ano do ensino fundamental II, buscando refletir acerca do tema a formação do léxico português, como a autora trata essa questão. E, por fim, no terceiro capítulo será apresentado uma proposta pedagógica para os alunos do ensino fundamental II com base no que foi discutido.

2 DO LATIM AO PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Falar da origem da língua é quase sempre algo complexo, no entanto é necessário estabelecer alguns critérios para entender tal evolução. Neste capítulo objetiva-se discutir a origem da língua portuguesa tomando por base o latim, desta forma, será traçado um percurso histórico da evolução da língua partindo do Latim clássico, enfatizando o latim vulgar e suas principais transformações dando ênfase as transformações etimológicas e semânticas, até estruturar-se como língua portuguesa.

É importante salientar que este percurso traçado aqui é necessário para melhor compreensão do desenvolvimento da língua. Faz-se necessário também traçar este percurso para compreender os aspectos etimológicos e semânticos da língua.

2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA: A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA

Por volta do ano 218 a. C, os povos romanos chegaram à Península Ibérica e lá desembarcaram por ocasião da Segunda Guerra Púnica. Por conta desta instalação na Península os povos adotam para si a língua falada por eles e inicia-se assim um processo denominado romanização. Este processo não foi apenas geográfico, mas de aculturação e ainda linguístico, este será enfatizado a seguir.

A Península foi dividida por eles em duas províncias que são Hispânia ulterior e Hispânia Citerior, esta divisão pode ser observada através do mapa de divisão proposto por Teyssier (2001, p. 4).

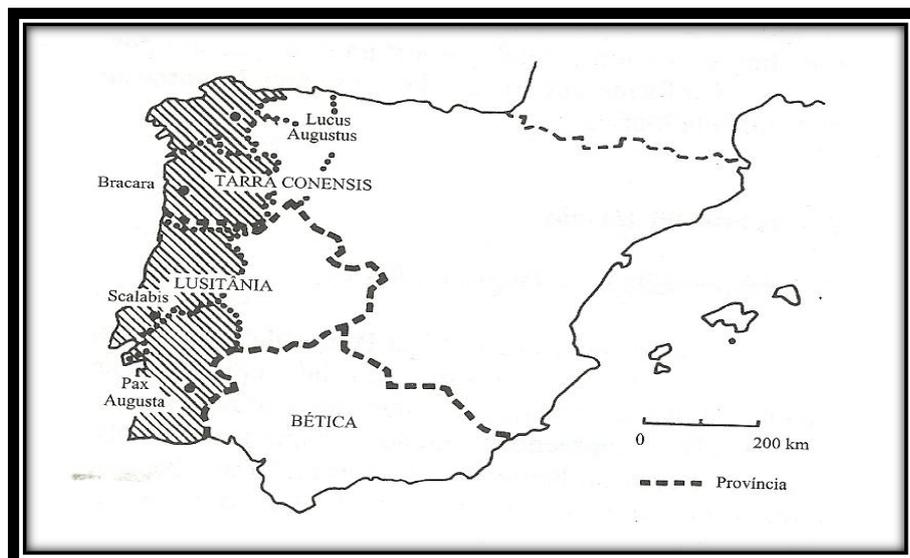


Figura 1. Divisão da Península.

Como apresenta o mapa, a romanização ocorreu de forma mais consistente na região sul, a qual foi totalmente tomada pelos romanos, já os da região norte embora tenham sido romanizada, demorou um pouco mais para absorverem a cultura imposta.

Cardeira (2006, p.25) relata essa ocupação do sul para o norte e aponta alguns dos fatores de aceitação da língua e cultura imposta pelos romanos ao afirmar que

O movimento de romanização de sul para norte, avançando mais rapidamente em regiões em que encontra menos resistência, proporciona uma diferenciada aceitação da língua: mais intensa nas cidades que no campo, mais débil e tardia a norte do Douro que ao sul do Tejo. A romanização implanta uma língua que não é homogênea e que é adotada por populações diversas, a um ritmo irregular, com diferente intensidade e em momentos distintos.

As regiões que foram inicialmente romanizadas tiveram maior aceitação no que diz respeito a absorção da cultura e da nova língua imposta, mesmo possuindo sua cultura e língua, aderiram à nova cultura e conseqüentemente à nova língua trazida pelos romanos. É importante ressaltar também que esta língua foi aceita principalmente na cidade e por conseqüência nas escolas o que faz da nova língua que é o latim mais eficiente e culto, já no campo, regiões menos colonizadas e escolarizadas permaneceram as formas mais incultas e as variações linguísticas eram muito presentes o que se difundiu posteriormente.

Desta divisão o que restou enquanto herança linguística foi a seguinte situação descrita por Cardeira (2006, p.26).

A região sul (Bética), mais cedo conquistada e mais intensamente romanizada, traduz-se na implantação de um latim mais culto e conservador. Na Galécia, pelo contrário, a pacificação tardia, a romanização menos sólida, a fixação de classes sociais menos elevadas e escolarizadas foram fatores propícios a dialectalização e a aceitação de inovações linguísticas.

Posteriormente, em 409 d.C. ocorreu na Península a invasão germânica, na qual vândalos, suevos e alanos que mais tarde foram derrotados pelos visigodos. Esse período só termina em 711 com a invasão muçumana. É possível notar que a língua até então sofreu muitas influências, no entanto o latim é predominante e é sobre ele que será tratado a seguir, mas especificamente sobre latim falado, pois foi ele que chegou ao Brasil, como afirma Teyssier (2001, p. 5) “se o latim escrito se mantém como única língua de cultura, o latim

falado evolui rapidamente e diversifica-se”. Algumas destas diversificações serão destacadas ao longo do capítulo.

2.2 O LATIM CLÁSSICO

O Latim clássico é ponto de partida deste estudo, já que a língua portuguesa tem suas origens através deste. Esta modalidade era usada principalmente pelos escritores eruditos como Cícero. Ainda sobre o latim clássico Coutinho (2011) reforça que

Diz-se *latim clássico* a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a *urbanitas*. (p.29)

Desta forma nota-se que tal modalidade era uma língua rígida, e não admitia usos errôneos, sendo assim dificilmente permaneceria imutável diante da mobilidade da língua em uso.

2.2.1 O latim clássico e sua estrutura

Para que se compreenda melhor as discussões sugeridas é necessário que se conheça sua estrutura do Latim Clássico, já que tudo partiu dele.

Era formado por cinco declinações, que significa “acrescentar à parte invariável de um nome as terminações dos casos” (COMBA, 2003, p.43) que eram classificadas da seguinte forma:

- Primeira declinação que tinha seu genitivo singular terminado em *ae*;
- Segunda declinação que tinha o genitivo singular terminado em *i*;
- Terceira declinação que englobava todos os gêneros e muitas terminações no genitivo singular *is*;
- Quarta declinação englobava, principalmente, os nomes masculinos e femininos que terminam em *us* e alguns neutros que terminam em *u*;
- Quinta declinação o genitivo singular termina em *ei* e abrange apenas o gênero feminino.

Essas declinações distinguem-se pela terminação do genitivo singular, por isso, foi destacada na denominação acima.

Observe a seguir uma demonstração da primeira declinação segundo Comba (2003, p. 44).

| Casos | Singular | Plural |
|-------|------------------------|---------------------------|
| Nom. | Ros-aa rosa | Ros-ae as rosas |
| Gen. | Ros-ae da rosa | Ros-árum das rosas |
| Dat. | Ros-ae à rosa | Ros-is às rosas |
| Ac. | Ros-am a rosa | Ros-as as rosas |
| Voc. | Ros-a ó rosa | Ros-ae ó rosas |
| Abl. | Ros-a pela rosa | Ros-is pelas rosas |

Tabela 1. Primeira declinação dos nomes

Através da tabela acima, referente à primeira declinação é possível analisar as palavras pertencentes à primeira declinação pelas desinências e principalmente pela declinação do genitivo singular. Vale ressaltar ainda que a maioria das palavras desta declinação são de gênero feminino e, desta forma são elas predominantemente que formaram o léxico feminino da língua portuguesa.

Resumindo as declinações apresentadas observe o quadro abaixo descrito por Almeida (2000, p.89)

| | 2 ^a | 3 ^a | 4 ^a | 5 ^a |
|----------|------------------------|---|----------------|----------------|
| Singular | ūs;ēr;īr; um; | Várias terminações Igualao nominativo īs ī ē, ī em, im | ūsū | ēs |
| | ē; ī; igual ao nom. | | ūs ū | ēs |
| | ī | | ūs ū ūs | ēī, ēī |
| | ō | | ūī (ū) ū | ēī, ēī |
| | ō | | ū ū | ē |
| | um | | um ū | em |
| Plural | ī ă | ēs; ă,īă | ūsűă | ēs |
| | ī ă | ēs; ă,īă | ūsűă | ēs |
| | ōrum | űm, űm | űm | ērűm |
| | īs | ībűs | ībűs,ībűs | ēbűs |
| | īs | ībűs | ībűs, ībűs | ēbűs |
| | ōs ă | ēs; ă,īă | ūsűă | ēs |

Tabela 2. Declinação dos nomes da 2^a a 5^a

Nesta tabela o estudioso traz todas as terminações das declinações existentes no latim clássico. Os acentos se referem às pronúncias em relação à brevidade, tal acentuação não é proposta por Comba, no entanto se trata das mesmas terminações.

Em relação aos casos o latim clássico apresentava seis, os quais serão descritos abaixo de acordo com a classificação de Comba (2003):

- O caso nominativo para o sujeito e predicativo do sujeito;
- O caso genitivo para o adjunto restritivo;
- O caso dativo para o objeto indireto;
- O caso acusativo para o objeto indireto;
- O caso vocativo para o vocativo;
- O caso ablativo para agente da passiva;

Observe o quadro abaixo através do qual Almeida (2000, p.24) resume o uso e função dos casos.

Nominativo – **sujeito.**

Vocativo – **apelo – ó**

Genitivo – **adjunto adnominal restritivo – DE**

Dativo – **objeto indireto – A ou PARA**

Ablativo – **adjuntos adverbiais, em geral – POR**

Acusativo – **objeto direto – SEM PRPOSIÇÃO**

Quadro 1. Casos em latim

Estas informações são de extrema importância para compreender algumas transformações de cunho etimológico e semântico que ocorreram na língua, passando para o latim vulgar. Algumas dessas transformações serão tratadas no item a seguir.

2.3 O LATIM VULGAR

O latim clássico era língua dos eruditos, da literatura, por ser assim as pessoas menos prestigiadas não a utilizavam desta forma com o passar dos anos e as várias formas de usos praticadas por eles a língua foi se popularizando e conseqüentemente foi-se tornando mais acessível e compreensível no meio social. Segundo Coutinho (2011, p.30)

Chama-se *latim vulgar* o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes

estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado pratico objetivamente.

Como o latim vulgar era utilizado pelas classes menos abastadas não se tinha tantas informações a respeito da língua, e assim foi se modificando cada vez mais de região para região. Os poucos registros que havia do latim vulgar era ministrados, segundo Coutinho (2011, p.31)

a)pelos trabalhos dos gramáticos, na correção de forma errôneas usuais; b)pelas obras dos comediógrafos, quando apresentam em cena pessoas do povo, falando; c) pelas inscrições, que nos legaram humildes plebeus; d)pelos cochilos dos copistas; e) pelos erros ocasionais dos próprios escritores cultos, principalmente dos últimos tempos.

Desta maneira é possível observar que o latim vulgar foi uma língua oralmente dissipada pelas regiões, e por isso as transformações foram inúmeras.

2.3.1 Transformações do latim clássico para o latim vulgar

Sabe-se que ocorreram diversas transformações do latim clássico para o latim vulgar. Tais mudanças aconteceram nos mais diversos aspectos como nas declinações, nos casos, no vocabulário, na fonética na morfologia, na sintaxe e também na semântica.

Como apontado anteriormente o latim clássico apresentava cinco declinações passando para o latim vulgar essas declinações se reduziram a três, segundo Coutinho (2010) os nomes da quarta e da quinta declinação passaram para a primeira e terceira e aquela passou para segunda por conta de sua semelhança. Já em relação aos casos restaram o nominativo e o acusativo. Essas mudanças ocorreram por que havia muitas confusões entre os casos, então para facilitar a compreensão da língua falada foi necessário tornar clara a língua.

Além dessas modificações ocorreram muitas outras como destaca Coutinho (2010), no vocabulário a preferência por palavras compostas, pelo sentido atribuído a alguns vocábulos, por uso frequentes de termos representativos de ideias. Já na fonética as transformações mais acentuadas foram a redução dos ditongos e hiatos em vogais, transformações ou quedas de alguns fonemas, o obscurecimento de sons finais, transposição do acento tônico, e outros. Ainda na morfologia têm-se também muitas transformações, duas citadas acima que são

redução de declinações e casos, bem como a substituição das formas sintéticas pelas analíticas, a formação analógica de alguns infinitivos irregulares, transformação de verbos depoentes em ativos, desuso de alguns tempos da conjugação do latim. E ainda na sintaxe, primava-se pelas construções analíticas, o emprego mais frequente das preposições, a regência diferente de alguns verbos e a ordem direta.

Foram estas transformações que fizeram o latim chegar até os dias de hoje na sua forma através da língua portuguesa. É necessário considerá-las como primordiais para a compreensão etimológica da língua aqui utilizada.

Silva Neto (1986) aponta ainda que para a formação das línguas românicas ocorreram três causas fundamentais, a causa cronológica, étnica e a político-social. Sendo que na primeira deve-se considerar que a língua foi evoluindo, ou seja, o latim difundido pelos países a fora não era o mesmo, sendo considerado cada vez mais moderno. Já na segunda causa deve-se considerar a mestiçagem linguística que o latim vulgar sofreu, influências como indígenas e muitas outras foram experimentadas por ele. Por fim a terceira causa foi primordial, pois com a descentralização do poder de Roma formaram-se diversas regiões distintas também linguisticamente.

Em relação às mudanças semânticas, do ponto de vista diacrônico, é pouco tratado pelos autores que abordam este tema. Os estudos ainda são, de certa forma, escassos a respeito desta abordagem na perspectiva acima descrita. Câmara Jr. (1974, p.199) afirma que “a língua é sempre uma estrutura, mesmo no plano lexical convém examinar, do ponto de vista da origem, as palavras que constituem os diversos campos semânticos”. O autor (p.200) distribui tais campos semânticos em cinco, que são: a) o mundo físico; b) as partes do corpo; c) o parentesco; d) o tempo (transcurso); e) o tempo (climático). Através dessas considerações de Câmara Jr. pode-se começar a compreender a respeito da etimologia e semântica dos termos.

É possível analisar que as transformações decorridas do latim clássico para o latim vulgar provocou o surgimento de outros termos com outras raízes, mas com o mesmo sentido. Ou ainda palavras que mudaram do latim vulgar para o português e que ao formar adjetivos perde-se seu radical do substantivo, mas não o seu original, é o caso da palavra *casa* que em português possui o adjetivo *domiciliar* – isso se explica em relação a sua origem latina *domus*. Essa discussão será realizada de forma reflexiva posteriormente.

2.4 DO LATIM VULGAR AO GALEGO-PORTUGUÊS

Após a invasão mulçumana a Península Ibérica, em 711, o exército hispano-godo, derrota o invasor após alguns anos e esta batalha é tida como símbolo do início da reconquista cristã. Durante essa reconquista surge o reino independente de Portugal, por volta de século XII. Segundo Teyssier: “A invasão mulçumana e a Reconquista são acontecimentos determinantes na formação das três línguas peninsulares – o galego-português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste.” (TEYSSIER, 2006, p.6). É importante saber que estas línguas são oriundas do norte, mas que com a Reconquista foram levadas para o sul e a partir de então sofrem transformações gradativas até se tornar em português.

2.4.1 Algumas transformações para o galego-português

Assim como as transformações que vinham ocorrendo ao longo da história da língua, a evolução para o galego-português não foi diferente e serão destacadas aqui algumas das principais, enfatizando aquelas que ainda ocorrem no português propriamente dito. Tais mudanças foram de natureza fonológica, morfológica, sintática, e ainda em seu vocabulário.

Teyssier (2006) aponta algumas delas que serão relatadas de forma breve aqui:

- a) Fonética: em relação ao acento tônico, torna-se um acento de intensidade; as vogais perdem as oposições de quantidade; com as consoantes, ocorreu a palatalização, principalmente de alguns grupos como *pl-*, *cl-*, *fl-*, também a queda do **n** antes de **s**, a queda do *l* e *n* intervocálico;
- b) Morfologia e sintaxe: resta apenas o acusativo uma forma para o singular e uma para o plural; as desinências são substituídas por preposições ou pelas colocações da palavra na frase; os gêneros reduzem-se a dois; a morfologia verbal é simplificada;
- c) Vocabulário: há além do principal que é a língua latina a influência de várias outras como germânica; algumas palavras de origem árabe;

Estas transformações foram tratadas de maneira superficial apenas para nortear o estudo e o capítulo a seguir tratará em particular da Língua Portuguesa. Desta forma há várias outras mudanças sofridas pelo galego-português, mas através destas aqui expostas é possível explicar e ao mesmo tempo compreender as relações evolutivas pelas quais passaram nossa língua. Dentre as modificações mais importantes Teyssier (2006) destaca as fonéticas, morfológicas, sintáticas e vocabulares, no entanto não apresenta as transformações ou

relações semânticas entre o latim e o galego-português, que para este estudo é de suma importância.

Assim no século XIV o português é separado do galego por fronteiras políticas e agora o reino é centrado em Lisboa. Neste momento os textos escritos passam a ser mais socializados perpassam a esfera eclesiástica e muitos escritores passam a utilizar a língua de forma escrita. É muito importante lembrar também, que a igreja teve uma influência extraordinária para o latim, sendo por longos anos sua forma exclusiva de prestígio como afirma Paiva (2008, p.149 -150) “na Igreja seu uso já se tornara corrente de há muito e, como a hegemonia do ensino sempre estivera em suas mãos, em todas as escolas monacais e episcopais, o estudo da língua latina tinha presença constante”. Este fato difundiu ainda mais a língua tornando-a popular na comunicação filosófica, científica e entre os letrados, ou seja era usada como língua de elite. Nos séculos seguintes a língua portuguesa encontrou de forma efetiva seu espaço e se difundiu por diversas regiões até alcançar o Brasil.

3 A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

No ano de 1500 chega ao Brasil colonos portugueses que têm como objetivo tomar as novas terras para si e aqui se instalam e constituem uma nova colônia, que por sua vez era portuguesa. Como se sabe as terras encontradas já eram habitadas por nativos que possuíam sua própria cultura e evidentemente sua própria língua. No entanto a cultura e a língua falada por eles eram diversificadas, e esse processo foi mais acentuado linguisticamente, surgindo assim uma língua chamada geral. Nessa perspectiva Teyssier (2006, p. 94) descreve como ocorreu essa mistura de línguas inicialmente: “...os ‘colonos’ de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo”. Todos os outros habitantes expostos à nova língua certamente adquiriram-na, porém de forma diferente. Após alguns anos o português predominou e restaram apenas algumas palavras integradas ao vocabulário.

Perpassados os longos anos de formação da língua é possível observar algumas de suas transformações, o processo evolutivo, suas várias mudanças durante este percurso, que ainda não se concluiu já que a língua é algo dinâmico. As transformações nas línguas românicas foram muitas, ao longo do período de modificações, Coutinho (2010, p.46) afirma “[...] que o português é o próprio latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformando, no grupo de línguas *românicas* ou *novilatinas*.” Desta forma, há de se considerar que o latim permanece vivo, hoje, na língua que falamos e que sua história não deve ser desconsiderada em qualquer espaço que seja.

É importante lembrar que a língua portuguesa passou por diversas fases, nas quais sofreram mudanças, influências, empréstimos e novas formações. Silva Neto (1986, p. 85) aponta quais fases e períodos perpassaram a língua desde o latim de Cícero ao português de hoje, segundo ele são:

- 1.º) *latim lusitânico* (falado na Lusitânia) – vai até o século V.
- 2.º) *romanço lusitânico*(falado na Lusitânia) – vai do V ao IX século; o português propriamente dito ainda não existe.
- 3.º) *português proto-histórico* – vai do IX ao XII século. Nessa época já existe o português como língua falada: mas não se escrevia.
- 4.º) *português arcaico* – vai XII ao XVI século.
- 5.º) *português moderno*- vai do século XVI ao XX.

Tais fases são essenciais para compreender a evolução da língua e entender que falamos latim, porém modificado e de uma forma especificamente brasileira. Ainda segundo Silva Neto (1986, p. 86) “com muita razão podemos dizer, portanto, que as línguas são fases atuais do latim. Não, porém, do latim clássico, pois este é uma criação artística, uma criação estética, mas é a fase atual do latim corrente, outrora, divulgado pelos colonos e soldado”. Cabe ressaltar ainda, que o português brasileiro, sofreu influências diversas como africana, e suas raízes indígenas também são muito fortes, mas aqui será se sobressairão as influências do latim vulgar.

Como já se observou algumas das transformações e evoluções da língua portuguesa, os itens a seguir trarão uma reflexão acerca de como a língua se consolidou como até chegar aos dias atuais. Neste capítulo será discutido acerca da semântica e etimologia da língua, além de outros aspectos relevantes.

3.1 FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS

Como já se observou ao longo deste capítulo a formação do léxico português passou por um grande processo de transformações, evoluções entre muitos outros aspectos. Houve influências semânticas, fonéticas e fonológicas, morfológicas e sintáticas, além de influências externas, todas de extrema importância para a compreensão da língua falada pelos brasileiros.

Além disso, há também alguns pontos que contribuíram muito para a construção da língua portuguesa brasileira, alguns aspectos que explicam certos falares e termos regionais, algumas expressões e peculiares, e ainda termos quase idênticos aos latinos.

De acordo com as considerações Câmara Jr. (1975) alguns termos permaneceram iguais do latim clássico para o latim vulgar e ainda em português, tanto em relação ao aspecto formal quanto ao semântico. Observando os exemplos abaixo propostos, pode-se perceber alguns destes termos como *Terra – terra; Mare – mar; Patre – pai; Madre – mãe; Filiu – filho*. Há também aqueles que foram transformados semanticamente do latim clássico para o vulgar como o termo *venare* que significa “caçar”, mas trouxe para o português a palavra *veado*, *focu* que significa “lareira”, mas passou a ser *fogo*, *mataxa* que significa “fio”, passou a ser *madeixas*. E ainda os termos permaneceram como eram no latim vulgar, que conseqüentemente foi a maioria, a exemplo de *apícula* em vez de *apis* que significa abelha, além disso, justifica-se a formação do adjetivo *apicultor*, referente ao latim vulgar.

Neste ponto observa-se que as mudanças linguísticas foram distintas, e que chegaram ao português uma língua modificada em diversos aspectos, ressaltando os aspectos semânticos. É notório que mesmo os vocábulos mudando de sentido ao passarem do latim para o português continuam indicando relações semelhantes de sentido uma com as outras, como se observa no caso da palavra fogo, da qual sua significação origina “lareira” tem relações semânticas visíveis. Observou-se ainda que como discutido anteriormente, alguns vocábulos perdem seus radicais de origem ao virem para o português, como é o caso de *apícula*, que justifica o termo apicultor, tão distinto lexicalmente de abelha. Estes fatos não esclarecidos torna a língua ainda mais difícil de ser compreendida, pois raramente o falante irá associar um vocábulo utilizado por ele por outro de origem latina, desta forma faz-se necessário compreender os mecanismos da história da língua, e buscar meios para que esta compreensão seja efetivada.

A seguir serão analisados alguns vocábulos nos quais ocorreram algumas transformações que ocasionaram mudanças de significado, no entanto algumas delas permaneceram com sua essência etimológica e semântica, por conseguinte outras tiveram seus significados modificados ao chegarem para o português.

Uma destas modificações ocorreu com o vocábulo *chuva* que tem sua origem latina do termo *pluvius*. Em relação à forma são visivelmente distintas, ou seja, sua constituição morfológica e fonética se transformou muito, no entanto traz em sua etimologia o semelhante sentido. Algo que deve ser destacado neste vocábulo é a constituição de palavras como *pluviômetro* e o adjetivo *pluvial*, tais palavras trouxeram exatamente do latim sua forma original. Os vocábulos chuva e pluvial são claramente distintos em seus aspectos formais, por isso são poucos os falantes que associam uma a outra, e quando isso ocorre na sala de aula se dá de forma mecânica dispensando uma reflexão mais profunda acerca da formação do léxico português, por vezes gerando indagações que não são esclarecidas.

Outro vocábulo a se observar é *obra* que veio do termo latino *opera*, como se percebe ocorreram também algumas modificações na passagem para o português. Do mesmo termo derivou também o substantivo *operário* (aquele que trabalha em obras), este já possui marcas fortemente latinas em sua constituição. Vale ressaltar ainda que a palavra opera existe na língua portuguesa com um sentido muito diferente do que foi colocado aqui, opera é denominada como uma obra dramática musicada. Assim é possível notar que os termos tiveram muitas influências e ao passarem de uma língua para outra perderam fonemas, e em muitos casos houve mudança no seu sentido.

Os vocábulos *docente* e *discente* são resultado de dois verbos *docere* (ensinar) *discere* (aprender), respectivamente. Neste caso há também certa proximidade na escrita com os termos no latim e em português, mas, embora ambos os termos sejam utilizados corriqueiramente o uso destes vocábulos podem não ter sentido para muitos usuários da língua. Ao passarem do latim para português os verbos formaram dois substantivos que são assim classificados por suas terminações no sufixo-*ente* (aquele que pratica determinada ação), neste caso as ações de ensinar e de aprender.

Há ainda o vocábulo *frater* que chegou ao português como *irmão*, diferentes no aspecto formal, mas seu sentido etimológico prevalece, sendo compreendido como alguém que se une a outra com a finalidade de ajudar, esta denominação não foge ao sentido da relação entre irmãos verdadeiros filhos de mesmos pais. Deste mesmo termo que derivam ainda, as palavras *fraterno* e *fraternidade*, ambas com o mesmo referencial etimológico do termo de origem latina, ou seja, pessoa que possuem união, afeto para com seus irmãos.

Pelos vocábulos vistos anteriormente foi possível notar que as alterações sofridas no decorrer da história deu origem aos falares brasileiros, aos vocábulos utilizados diariamente. Ainda sobre a formação é importante ressaltar que os termos populares se sobressaíram em relação aos eruditos, ou seja, nosso léxico é formado em sua grande maioria por tais termos. Assim também ocorreu com os vários aspectos que destacados ao longo deste capítulo restando como mais produtivos para nossa língua estruturas de cunho popular é o que afirma Câmara Jr. (1975.p.189 e 190)

Do ponto de vista tipológico, os termos populares é que são primordiais. A sua estrutura fonológica e morfológica é que criou os padrões lexicais portugueses.
O sistema fonêmico português a tipologia silábica partem do que se fixou nos termos populares. Os empréstimos adaptaram-se à fonologia assim estabelecida. Mesmo nos termos eruditos latinos ela impôs preponderantemente e são poucas as inovações fonológicas que esses termos nos trouxeram.
Também a estruturação morfológica foi determinada pelos termos populares, provenientes do latim vulgar.

Desta forma sabe-se que a maioria do léxico utilizado no Brasil é de origem popular como afirmou Câmara Jr. (1975). O mesmo autor demonstra através de quadros a ocorrência destes termos no latim erudito e no popular, a seguir será feita uma breve demonstração.

| Termos portugueses | Latim (pop.) | Latim (erud) |
|--------------------|--------------|--------------|
| Cabelo | Capillu | - |
| Dedo | Digitu | - |
| Fogo | Föcu | - |
| Lua | Luna | - |
| Sombra | Ūmbra | - |

Tabela 5. Ocorrência do latim clássico e vulgar.

As palavras acima, como se pode observar estão distribuídas de acordo com sua formação. A marcação “-” no termos do latim erudito não significa dizer que as palavras não existem, pelo contrário todas elas têm suas origens nele. No entanto o que se quer mostrar no quadro é que os termos portugueses vieram diretamente do latim popular.

Novamente, é importante observar que a maioria dos vocábulos tem formas diferenciadas do português para o latim, no entanto algumas que derivam das mesmas tem raízes latinas o que deve ser esclarecido para os falantes da língua. Por exemplo, o vocábulo *capillu* – *cabelo*, mas que o adjetivo é *capilar* e não “*cabelar*”.

No capítulo a seguir a discussão realizada até agora irá auxiliar na realização de uma análise e intervenção no ensino da língua, com ênfase na formação de palavras, em perspectiva etimologia e semântica.

3.2 ASPECTOS ETIMOLÓGICOS E SEMÂNTICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Falar sobre a formação do léxico português é algo que ainda causa muitas indagações, pois como se observou a língua já passou por inúmeras mudanças. Neste ponto se discutirá acerca da etimologia, que é um dos mais antigos ramos da linguística, e da semântica do ponto de vista diacrônica.

A etimologia... já não deve contentar-se com o traço insípido que une o ponto de partida ao ponto de chegada... Deve, pelo contrario, pintar-se o vasto fresco das vicissitudes que a palavra atravessou... a busca da raiz de uma palavra ou de um grupo de palavra já não é hoje uma tarefa única da etimologia. Ela deve seguir o grupo considerado durante todo o tempo em que este pertence a uma língua, e todas as suas ramificações e todas as suas relações com outros grupos. (W.V. WARTBURG, 1946 apud ULLMAN, 1964, p. 66)

Neste sentido o estudo da etimologia é muito mais do que apenas o estudo da origem da palavra. É necessário observar de forma ampla as origens das palavras levando em conta

alguns fatores, morfológicos e semânticos como afirma os estudos lexicológicos. Vale ressaltar que a semântica ganhou respaldo dentro dos estudos etimológicos por fazê-lo progredir, pois anteriormente era apenas um “mero acessório dentro da etimologia.” É necessário conhecer o termo etimologia em sua essência, pois ela “não considera as palavras isoladamente, mas como elementos de grupos muito vastos” (ULLMAN, 1964, p. 66).

Ullman (1964) traz em seu texto uma reflexão sobre a etimologia científica e etimologia popular, que segundo ele é um dos mais conhecidos aspectos da semântica, e o autor a descreve da seguinte forma:

- 1) Nalguns casos, a nova motivação afetará significado de uma palavra, mas deixará intacta sua forma. (...)
- 2) Inversamente, há casos em que a nova motivação alterará a forma de uma palavra, ao passo que o significado permanecerá inalterado.(...)
- 3) Em muitos casos, a etimologia popular atuará tanto na forma como no significado das palavras. (...)
- 4) Nas línguas que têm um sistema de ortografia não-fonético, a etimologia popular pode confinar-se à palavra escrita sem afeta sua pronuncia. (p.212, 213,214)

A etimologia popular, desta forma apresenta suas influências ou como o próprio autor aponta suas motivações na forma, no significado, em ambas e ainda na forma escrita, mantendo a mesma pronúncia. Isso explica o porquê de muitas palavras ainda se manterem intactas, no sentido, e outras passadas por tantas mudanças até chegar ao português.

Além de a etimologia popular influenciar nas mudanças de significado das palavras há outros processos pelos quais tais mudanças semânticas ocorreram Meillet (1942) citado por Ullman (1964)

- 1) *Causa lingüísticas.* – algumas mudanças semânticas são devidas às associações a que as palavras estão sujeitas na fala. A colocação habitual pode afetar permanentemente o significado dos termos envolvidos; por um processo conhecido a partir de Bréal como “contágio”. (...) (p.411)
- 2) *Causas históricas.* –Acontece muitas vezes que a língua é mais conservadora que a civilização quer material quer moral. Objetos, instituições, ideias, conceitos científicos mudam no decurso do tempo; no entanto, em muitos casos, o nome conserva-se e contribui assim para assegurar um sentido de tradição e continuidade. (p.412)
- 3) *Causas sociais.* – Quando uma palavra passa da linguagem vulgar para uma nomenclatura especializada – a terminologia de um ofício, de uma arte, de uma profissão, ou de qualquer outro grupo limitado – tende a adquirir um sentido mais restrito. Inversamente, as palavras que vem da linguagem de um grupo para o uso comum tem propensão para ampliara o seu significado. (p.415)

- 4) *Causas psicológicas.* – As mudanças de significado têm muitas vezes as suas raízes no estado de espírito da pessoa que fala ou nalgum aspecto mais permanente da sua índole mental. (p.417)

Estes fatores descritos por Ullman traz uma reflexão acerca das principais causas que influenciaram as transformações semânticas. As causas linguísticas ocorreram por um processo denominado contágio, ou seja, o sentido das palavras poderia ser transferido para outras, ocorrendo ao mesmo tempo em contextos distintos. As causas históricas, por sua vez, podem ser consideradas primordiais para compreensão, pois é através delas que é possível se perceber as mudanças através do tempo, além de identificar o que foi conservado na língua ao longo da história.

As causas sociais foram um fator decisivo na estruturação da língua portuguesa, pois como se sabe o latim se vulgarizou pelas regiões e chegou até aqui. Após essa “vulgarização” tornam-se nomenclaturas especializadas, ou seja, pertencentes a um grupo social restrito. Além disso, o autor apresenta também a forma generalizada que trata exatamente das palavras que se vulgarizaram e seu significado se alargou. E por fim, mas não menos importante, o autor trata das causas psicológicas, neste sentido deve-se levar em conta o estado do falante, pois pode haver uma influência emotiva, ou seja, algo que o falante vive pode influenciar em comparações ou metáforas feitas pelos diversos usos da língua utilizada por eles, particularmente no que refere ao sentido.

Além de Ullman, Ilari (2006) em uma edição mais moderna aborda também as mesmas circunstâncias que podem ter influenciado algumas das mudanças semânticas das palavras, ele destaca as questões linguísticas, históricas, sociais, e ainda apresenta as necessidades de denominação como “a mudança de significado pode ser determinada por necessidades de denominação, correspondentes ao aparecimento numa cultura de objetos, técnicas ou noções novas (p.127).” Este processo era algo comum, no qual os termos eram trazidos de outras vizinhanças e permaneciam com o mesmo significado.

Ainda segundo Ilari (2006) não importa quais motivações ou circunstâncias influenciaram para estas transformações semânticas da língua, elas se darão frequentemente em três linhas denominadas por ele como metafórica, na qual se tem duas realidades parecidas, ou seja, o mesmo significante e há valorização da similaridade. Há também o que ele chama de mudanças metonímicas, nesta o “significado primitivo e o significado posterior à mudança se relacionam por algum tipo de contiguidade (p.130)”. E por fim afirma que as mudanças ocorrem também por menor ou maior especificidade, ou seja, pode ocorrer de maneiras específicas dependendo de onde e como foram utilizadas.

Ilari (2006) mostra alguns exemplos destas transformações, um deles é relativo às modificações históricas, a palavra *moeda* que está relacionado ao termo românico *moneda*, *monnaie*, *moneta* este se tratando de um adjetivo, o mesmo se relaciona com o verbo *monere* que significa “admoestar, dar conselhos”. O autor explica que esta relação deu-se porque em um dado momento os romanos admiravam a deusa Juno em um templo e acreditavam que ele era uma boa conselheira, concomitantemente funcionava no mesmo local a prensa que se cunhava moedas romanas. Por esses tempos passaram a utilizar o vocábulo admoestar com o sentido de moeda, mudando assim seu significado.

A respeito das circunstâncias sociais traz algumas palavras e suas origens, uma delas é o termo *sanctus* da qual se originou santo. Esta palavra teve origem do verbo *sancio*, etimologicamente “proibir”, passando a indicar do ponto de vista religioso “bem-aventurança extraterrena e o tipo de conduta terrena necessária para merecê-la” Ilari (2006, p.126). Desta maneira pode-se compreender que essas mudanças ocorriam por diversas causas a que estavam expostas.

3.2 ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS

Como já foi tratado anteriormente as transformações pelas quais a língua portuguesa passou até se firmar no Brasil foram inúmeras e de aspectos variados. Neste ponto, serão tratadas de forma breve algumas das principais mudanças neste sentido.

Segundo Coutinho há algumas modificações no que concerne a aspectos fonéticos e fonológicos, pois não havia uma forma padrão para a transcrição das palavras, ocorriam muitos casos em que no mesmo texto havia a mesma palavra grafada de maneiras distintas. Este fato gerou algumas divergências em termos de compreensão auditiva, pois “escrevia-se não para a vista, mas para o ouvido.” Coutinho (2011, p.72)

Ele apresenta algumas destas transformações, as quais serão taradas a seguir:

- a) Vogais: São classificadas como orais e nasais; podem ser classificadas também pela abertura da boca em abertas e fechadas;
- b) Consoantes: São classificadas, quanto ao modo de articulação que determina se as consoantes serão oclusivas e constrictivas; quanto ao ponto de articulação determina se serão bilabiais, labiodentais, dentais, alveolares, palatais ou velares; quanto a função das coradas vocais que podem ser surdas ou sonoras; quanto ao véu palatino denominando se serão nasais ou orais;

c) Leis fonéticas: tais leis são extremamente importantes para a evolução do léxico português. Elas se dividem em lei do menor esforço, que trata da simplificação dos processos, visando à eufonia e o ritmo; lei da permanência da consoante inicial passa para o português integralmente, com raras exceções; lei da persistência da sílaba tônica, as palavras em português mantiveram a mesma acentuação tônica do latim;

As transformações fonéticas e fonológicas, de certa maneira, contribuíram também para explicar o significado de algumas palavras e ainda a mudança de sentido de algumas delas.

Um exemplo é a palavra *legenda* que em português tornou-se *lenda*. Neste caso ocorreu além da mudança fonética que aconteceu com a queda do *g* intervocálico, ocorreu também mudança de sentido. Há ainda em português a palavra *legenda*, porém denotando sentido de explicação de algo com a qual vem acompanhada, e em alguns dicionários o verbete é entendido com sinônimo de *lenda*. Este fato ocorre em consequência de transformações fonéticas o que reafirma que as mudanças de sentido dependeram de vários aspectos que norteiam a língua.

3.3 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

Assim como os demais, os aspectos morfológicos são extremamente importantes para entender as transformações que ocorreram na língua. Coutinho (2011) aborda algumas destas mudanças morfológicas, iniciando pelos nomes, que são fundamentais para este estudo.

a) Nomes: Substantivos: que vieram do latim e tem seu gênero definido através da primeira declinação latina que predominava o gênero feminino, já os nomes do masculino originaram-se através da segunda declinação que eram predominantemente deste gênero. Em relação ao número, o plural tem origem do acusativo plural latino que terminava em *-s* nos nomes masculinos e femininos. Já em relação ao grau, têm-se dois na língua portuguesa, aumentativo e diminutivo, que tem suas origens latinas e são utilizados alguns sufixo para formá-los.

b) Adjetivos: em latim havia adjetivos de 1ª e 2ª classe. Sendo que os da segunda classe seguiam os a terceira declinação do substantivo. Eles podiam ser uniformes, bifomes e trifomes. Alguns adjetivos tem seu radical distinto dos radicais que formam os substantivos como é o caso de *leão* (substantivo) e *leonino* (adjetivo). Como em latim tinha-se o termo *leones* para leão o *n* caiu e o *o* se nasalizou o adjetivo chegou para o português com a raiz

latina e ficou *leonino*. Estas justificativas normalmente não são apresentadas aos falantes, nem mesmo aos estudantes da língua, no caso todos nós, isso gera uma confusão na compreensão da formação dos vocábulos da língua portuguesa.

A respeito dos nomes, o autor trata de cada um especificamente, dos adjetivos, advérbios, numerais e as outras classes, mas não será aprofundada a análise já que não é o foco da pesquisa.

c) Verbos: no latim clássico havia quatro conjugações, cujas terminações eram *-are, amare; -ēre, delēre; -ĕre, legĕre; -ire, audire*. Estas conjugações reduziram-se em três ao passar para o latim vulgar, chegando estas mesmas três *-ar, -er, -ir* ao português. Em português o que predomina são os verbos da primeira conjugação, por ser mais produtiva e parte dos verbos das outras conjugações passaram para ela. A segunda foi formada pela junção da segunda com a terceira, no entanto os verbos não eram em grande quantidade. Já a terceira conjugação abrange os verbos terminados em *ir*. Para o português não vieram os tempos futuro imperfeito do indicativo, futuro do imperativo, o perfeito do infinitivo, o particípio presente e particípio do futuro, o gerúndio e o supino, desta forma permaneceram aqueles que ainda são utilizados atualmente.

3.4 ASPECTOS SINTÁTICOS

Assim como os demais aspectos, a sintaxe também passou por muitas mudanças no que diz respeito a algumas colocações pronominais, o uso de alguns verbos, Coutinho (2011) apresenta algumas delas a seguir,

- a) A colocação irregular dos pronomes;
- b) A preposição com verbos indicadores de movimento;
- c) Alguns dos pronomes retos como objeto direto;
- d) A combinação dos pronomes *o, (s) a (s)*, com os verbos no presente do indicativo e ou presente perfeito;

- e) Intercalar palavras entre pronomes oblíquos e verbos;

Com a perda de alguns dos casos do latim clássico para o latim vulgar houve também o fato das mudanças das funções sintáticas, que antes eram determinadas pelas terminações das palavras, com essas transformações passaram a funcionar através da ordem das palavras e também pelo uso das preposições. É importante lembrar também, que na concordância nominal ocorria a coocorrência, que segundo Ilari (2006.p.109) “a presença na frase de um

determinado segmento acarreta a presença de outros” e na regência nominal segundo o mesmo autor o recurso mais importante passa a ser a preposição *de* dentro do sintagma.

Dessas mudanças destacadas, uma das principais foi a fixação da ordem na frase. Isto ocorreu porque já havia o uso ou regência de preposição nos casos acusativos e dativos, os únicos que eram regidos por preposições. A frase *liber Petri* (o livro de Pedro) que se encontra no latim clássico, tem suas funções sintáticas determinadas pelas terminações dos vocábulos, independente de onde esteja colocada na frase. Ao passar para o latim vulgar já se ganhou uma ordem mais fixa *libru de Petro* (o livro de Pedro), ou seja, as funções que antes eram indicadas pelas terminações, passaram a ser indicadas pelo uso mais frequente de preposições.

Sendo assim Câmara Jr. (1975, p. 23) afirma que “as partículas conectivas ditas “preposições”, e a ordem dos vocábulos na frase tornou-se o meio de expressão das relações sintáticas”. No exemplo dado por ele as construções já possuem fixação mais visível o que se observou muito cedo nas construções do latim vulgar – na frase: *puer vidit lupum* (o menino viu o lobo) observa-se que as preposições não eram utilizadas, pois as desinências é que determinavam a função sintática, independente da posição do vocábulo na frase.

4 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: UM OLHAR DIACRÔNICO

São diversas as discussões acerca do ensino da língua portuguesa no Brasil, porque são inúmeras as perspectivas teóricas analisadas por estudiosos. Neste capítulo será realizada uma discussão acerca do livro didático da autora Leila Lauer Sarmiento intitulado *Leitura, Produção e Gramática*. A discussão não tem como objetivo fazer crítica ao livro, mas sim apontar algumas lacunas a respeito do ensino da língua, no que diz respeito à formação de palavras, ou seja, a formação do léxico.

Esta necessidade deu-se ao se observar o quanto este assunto é escasso no ensino e também no meio acadêmico. Em relação à academia, o assunto sobre a formação do léxico numa perspectiva etimológica e semântica da forma discutida aqui, ou seja, resgatando suas origens no latim vulgar. Este fato, de certa maneira, acarreta deficiência na formação do professor e conseqüentemente algumas lacunas no ensino, o que não justifica a falha nas informações transmitidas ou não para os estudantes.

Levando em consideração as praticas diárias da docência, é possível encontrar constantemente lacunas nos conteúdos trabalhados em sala de aula. Não foi diferente com a abordagem de formação de palavras na perspectiva da diacrônica. Neste sentido cabe aos professores de Língua Portuguesa buscar a cada dia mais “se conscientizar da necessidade de dominar determinados conhecimentos teóricos para poder tomar decisões fundamentadas no que diz respeito ao planejamento das aulas” (OLIVEIRA, 2010, p. 23). Desta forma é necessário que o professor leve seus alunos a refletirem sobre a aprendizagem da língua, remetendo sempre a seus primórdios.

4.1. ESTUDAR A FORMAÇÃO DO LÉXICO PARA QUE?

Há vários séculos que alguns estudiosos buscam compreender a formação do léxico português. Um dos mais antigos estudos vem da Índia podendo ser encontrado na gramática de Panini, o qual se dedicou principalmente aos estudos morfológicos. De acordo com Bezerra (2004) as primeiras reflexões acerca do léxico, no Ocidente, parte dos gregos, os mesmos se preocupavam com as palavras em relação a seus conceitos, sua relação entre ideia e forma, o que tem por base o campo semântico. Já os latinos desenvolveram estudos gramaticais o que auxiliou na compreensão de que as formas lexicais mantêm relações entre si próprias e seus significados.

É necessário ressaltar aqui que este estudo tem como base a formação do léxico em uma visão diacrônica, ou seja, desde os primórdios até se chegar ao período atual da língua. Vale ressaltar ainda que as bibliografias que tratam deste tema são, até certo ponto, escassas. Mas é muito importante buscar fontes e meios para se discutir o assunto proposto aqui, pois estudar a formação do léxico é acima de tudo compreender a história da língua, levando em conta todo processo de mudanças pelo qual passou a língua. Coutinho (2011, p. 167) afirma que “A faculdade de formar palavras novas foi muito limitada no latim depois que ele atingiu a fase de esplendor, pelo receio que tinham os escritores de incorrer na peche de neologistas; no latim vulgar, porém, ela se desenvolveu prodigiosamente”.

É importante que desde cedo os falantes e usuários da língua portuguesa compreendam o que falam e porque falam assim. Neste sentido a inserção deste estudo através de um viés histórico mais elaborado, faz-se necessário, isso não quer dizer que professores e alunos irão se aprofundar na história e menos ainda estudar latim como antes, no entanto levá-los para sala de aula é fundamental.

4.2 BREVE ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Neste ponto será realizada uma análise acerca do item formação de palavras ou formação do léxico trazida pelo livro didático do 8º ano do ensino fundamental II, já que este assunto é trabalhado neste ano. O intuito é observar algumas atividades trazidas no livro, analisando do ponto de vista etimológico e semântico a maneira que estes assuntos são desenvolvidos. Os PCNs (1997, p. 60) apontam que

A propriedade que a linguagem tem de poder referir-se a si mesma é o que torna possível a análise da língua e o que define um vocabulário próprio, uma metalinguagem. Em relação a essa terminologia característica, é preciso considerar que, embora seja peculiar a situações de análise linguística (em que inevitavelmente se fala sobre língua), não se deve sobrecarregar os alunos com um palavreado sem função, justificado exclusivamente pela tradição de ensiná-lo.

É importante trabalhar o vocabulário de maneira significativa, ou seja, ao aprender os alunos devem refletir acerca dos vocábulos usados por si mesmos. Mesmo destacando essa importância os PCNs não apontam a importância de refletir os aspectos históricos na formação do vocabulário.

O livro didático analisado, no geral apresenta os temas a serem trabalhados em capítulos distintos os quais trazem explicações e em seguida são propostas várias atividades relacionadas aos conteúdos, há interpretações de texto e exercícios contextualizados.

Em relação aos conteúdos gramaticais são abordados de maneira contextualiza, mas há ainda muitas marcas do tradicional. Os livros didáticos geralmente têm como base formadora as gramáticas tradicionais, conseqüentemente os livros acompanham as tendências gramaticais. Por isso a minoria, ou quase nenhum dos livros didáticos trazem uma reflexão mais consistente sobre a formação da língua no que diz respeito a suas origens latinas. No entanto, é necessário ressaltar que alguns dos gramáticos normativos a citar Evanildo Bechara que em sua Moderna Gramática Portuguesa (2009) traz uma breve abordagem a respeito da história externa da língua. No entanto em termos de análise gramatical, mais precisamente no item de formação de palavras as origens latinas são deixadas de lado ou abordados de forma muito simplificada.



Figura 2. Livro didático

No material em questão será analisado o capítulo sobre formação de palavras, distingue-se de certa forma da formação do léxico, porém como conteúdo programático se assemelha, já que os alunos recebem estas informações de como alguns termos se formaram sem uma reflexão maior.

No livro o assunto é introduzido por um pequeno poema de Drummond “Fim de feira” em seguida é solicitado uma breve interpretação do texto, destacando alguns vocábulos do mesmo e através deles o assunto é iniciado o que se observa nas paginas a seguir:

Em um ponto específico o livro traz a seguinte explicação “[...] as palavras podem ser formadas de várias maneiras. Algumas são formadas pelo acréscimo de prefixos, outros pelo acréscimo de sufixos. Esses dois processos são chamados de **derivação**.” (SARMENTO, 2009, p.306). Esta é a definição trabalhada acerca da formação de palavras, além disso, neste capítulo são trabalhadas as principais formas do processo de formação, a exemplo derivação prefixal, derivação sufixal, derivação prefixal e sufixal, parassintética, regressiva, imprópria, e ainda o processo de composição por justaposição e por aglutinação. De acordo com as considerações de Coutinho (2011) o português seguiu os mesmos processos para formar palavras novas do latim vulgar.

Alguns dos vocábulos trazidos no livro serão analisados no quadro a seguir.

| | | | | | |
|--------------|--------------------------------------|---|----------------------------------|---|--------------------------|
| Cooperar = | co | + | operar | | |
| | ↓ | | ↓ | | |
| | (prefixo que expressa concomitância) | | (radical) | | |
| Entardecer = | en | + | tard | + | ecer |
| | ↓ | | ↓ | | ↓ |
| | (prefixo) | | (radical) | | (sufixo que indica ação) |
| Agradável = | agradar | + | vel | | |
| | ↓ | | ↓ | | |
| | (prefixo) | | (sufixo que expressa abundância) | | |
| Aguardente = | (água + ardente) | | | | |
| Vinagre = | (vinho + acre) | | | | |

Tabela 6. Exemplos. Todos os exemplos podem ser encontrados no livro (Sarmiento 2009, p.307 e 308)

De acordo com os exemplos expostos no quadro acima, pode-se observar alguns dos vocábulos trabalhados e que serão objeto de estudo dos alunos em sala de aula. É notório através dos exemplos que são apresentados palavras para exemplificar cada tipo de processo de formação. Os três primeiros exemplos tratam de derivação, que “é um meio comum de que se utiliza a língua para aumentar o seu patrimônio léxico” (COUTINHO, 2011, p. 167). No primeiro exemplo apresenta o vocábulo **cooperar** denominando apenas seu prefixo como algo que indica concomitância, nos segundo e terceiro exemplo acontece o mesmo, ou seja, os exemplos trazem apenas uma rápida descrição sobre os afixos: prefixos e sufixos, o que deixa

a abordagem limitada. A respeito dos demais exemplos, aguardente e vinagre, são simplesmente apresentados como aglutinação, mas suas origens não são sequer mencionadas. Desta forma apresentam-se apenas duas palavras que formaram uma nova com outro sentido.

De acordo com discussões realizadas durante o trabalho os vocábulos foram analisados sem nenhuma perspectiva reflexiva, em relação a sua etimologia e seus significados, principalmente nas formações por composição. É preciso esclarecer que o objetivo não é querer que os livros trabalhem este tema enfatizando apenas suas origens a partir da língua latina, mas é necessário contextualizar tanto a formação da palavra quanto sua etimologia que por sua vez é latina.

Ainda sobre os exemplos analisados é lícito afirmar que trabalhar apenas da forma que foi demonstrado torna-se, até certo ponto vago. Algo que necessita de um aprofundamento maior são os afixos, neste caso tanto prefixos quanto os sufixos foram trazidos de maneira superficial, sendo que neste assunto ambos são essenciais para novas formações lexicais. Neste caso é de extrema relevância identificar e conhecer as origens dos afixos e obrigatoriamente sua etimologia, além disso, os sentidos veiculados por eles. Nos exemplos que foram citados acima se trata todos de origem latina como no caso do prefixo *co* que veio do latim *cum/com*, ou seja, realizar uma ação junto, no caso de *cooperar* ao unir duas vogais acontece o desaparecimento do *m* intervocálico. Já os o sufixo *-vel* que advém de *-bil* e que deu origem palavra *amabilis* – amável que possuem a mesma origem de formação.

Já em relação à formação por composição, no qual “há a união de dois elementos vocabulares de significação própria que se combina para representar uma ideia nova e única”. (COUTINHO, 2011, p. 175). Ainda sobre os compostos, Câmara Jr. (p.59) afirma que

Os dois elementos podem criar significação nova, - a) ter a mesma importância, b) ter importância desigual, havendo um de significação básica, que a do outro elemento modifica. Num e noutro caso, as duas significações dão exata ou aproximadamente a descrição abreviada do que é designado pelo composto.

No caso dos vocábulos apresentados no quadro anteriormente também não são explorados numa perspectiva mais aprofundada, no que diz respeito a sua etimologia e sentidos. Os exemplos trazem apenas as duas palavras que formam o novo vocábulo sem nenhuma referência etimológica, o que no mais das vezes causa dúvidas nos alunos a respeito de como realmente aconteceu a formação da palavra.

É realmente algo muito superficial que se torna vago e por vezes sem sentido, pois trazer exemplos apenas mostrando que *vinho* + *acre* forma a palavra *vinagre* pode deixar inúmeras indagações sem respostas. A primeira delas poderia ser a respeito do termo *acre* (*azedo*), completamente novo e, portanto desconhecido dos educandos, neste momento faz-se necessário uma abordagem significativa a respeito da origem dos termos formadores da palavra e ainda do termo formado. É imprescindível mostrar para os alunos estas importantes transformações, para que eles possam de fato, compreender a língua que falam e principalmente conhecer a origem dos vocábulos. Os vocábulos formados por composição por aglutinação que consiste “na união íntima de duas ou mais palavras, para formarem uma terceira, o que se não dá sem prejuízo da integridade material de um dos elementos” (COUTINHO, 2011, p.180), podem gerar mais dúvidas, pois algumas delas como é o caso de *vinagre* é formado exatamente por um termo direto do latim. Por tal motivo algumas noções etimológicas e semânticas precisam ser destacadas em sala de aula. Em detrimento a esta preocupação no item a seguir será abordado a importância de discutir estes pontos em sala de aula, além de sugestões para atividades mais eficazes.

Neste sentido a palavra *agricultor* também é formada por um processo semelhante, *ager(agri)* – *cultum* (campo + cultivo) = agricultor. Neste caso acontece uma composição de dois termos latinos que apresentam sentidos próprios e ao se unirem formaram um novo vocábulo, com nova significação que seria “aquele que cultiva o campo”. E por isso, desta forma se torna mais significativo explicar aos alunos de maneira clara a construção destes léxicos utilizados diariamente por todos e assim os estudantes devem refletir acerca da construção do sentido dos termos e isso deve ser instigado em sala de aula.

Ilari propõe algumas sugestões para se trabalhar com o processo de formação de palavras, propriamente dito. O autor aponta que “os processos de formação de palavras mais usados no português atual são, por ordem de importância, a sufixação, a prefixação e a composição que, juntos respondem cerca de 90% da formação de novas palavras a partir de material já presente na língua” (ILARI, 2012, p.94). Neste caso o autor aponta sugestões sobre a formação de palavras em uma perspectiva mais contemporânea, mesmo assim ainda citando pouco a origem dos afixos.

Sobre este tema ele aponta atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula, ou podem servir como base para que outras sejam desenvolvidas. O objetivo destas atividades segundo o autor é que os estudantes “reconheçam os principais processos de formação de palavras que utilizam material linguístico previamente existente na língua” (ILARI, 2012, p.94). Observe a seguir alguns exemplos proposto por ele.

| | |
|---|---|
| Processo sufixação | Exemplos -ismo / -ista / -ando / -ento / -ável / -udo / -aço / -ite / -ose / -íssimo / -ês / -esco / -arada / -ar / -ir: malufismo, malufista, vestibulando, piolhento, malufento, reitorável, presidenciável, topetudo, panelaço, buzinaço, bandejaço, governite, frescurite, xuxite, sinistrose, candidatíssimo, galíssima, economês, computadorês, vampiresco, policialesco, fiiharada, malufar, collarir. |
| Sufixação | -gate / -dromo / -lândia: collorgate, autódromo, sambódromo, malhódromo, camelódromo, fumódromo, Boatolândia, Eletrolândia. |
| Prefixação | anti- / des- / disque- / hiper- / in- / maxi- / macro- / mega- / micro- / mini- / multi- / não- / sem- / super- / tele- : anticandidato, descupinização, desempregado, desprefeito (aplicado a Jânio Quadros pelo oesr); disque-pizza, hipermercado, impopular; maxidesvalorização, megainvestidor, microempresa, minimercado, multinacional, o não governo do Rio, um país não alinhado, sem-terra, sem-teto, telegaleto, telepizza, televenda, telecompra etc. |
| composição Substantivo + substantivo | DETERMINADO + DETERMINANTE seguro-desemprego, greve-relâmpago, bolsa-pesquisa, bolsa-estágio, conta-fantasma, funcionário-fantasma, entidade-fantasma, futebol-espetáculo, vale-brinde, vale-refeição. DETERMINANTE + DETERMINADO gibiteca, motogincana, pornodeputada, ecoturismo, dinossauromania, cervejólatria, motoboy, motorromeiro. |

Tabela 7. Exemplos

Estes exemplos de afixos e de formação por composição é abordado de maneira superficial, no que diz respeito à origem etimológica dos afixos, mas isso poderá ser explorado de maneira oral, através de uma breve pesquisa feita em sala ou outro meio a tendo o professor como mediador. Este exemplo ainda pode ser ampliado, ou modificado de acordo com publico alvo, ou seja, outros prefixos e sufixos podem ser inseridos e explorados de forma a que os estudantes reflitam sobre a língua e sua formação, buscando compreender os principais mecanismos formadores de palavras.

A proposta a seguir refere-se a uma questão que requer mais conhecimento prévio, antes de propô-la em sala de aula. Observe abaixo a proposta de Ilari (2012, p.97 - 98)

3. Um dos aspectos mais interessantes das obras de Guimarães Rosa é sua prosa inconfundível, caracterizada pela continua criação de palavras novas, a partir do cruzamento de palavras comuns do português (quem já leu o *Grande Sertão* lembrará por exemplo de formações como *codorniz*, cruzamento de *codorna* e *perdiz* ou *prostituriz*, cruzamento de *prostituta* e *meretriz*. Em textos de pessoas comuns, que escreviam sem qualquer pretensão literária, a Prof^ª. Laís Furquim do Azevedo encontrou estas formações, que poderiam ter saído da pena de Guimarães Rosa:

| | |
|---|--|
| | <i>ansejos (anseios x desejos)</i> <i>discursões (discursos x discussões)</i> <i>balburdio (balbucio x balbúrdia)</i> <i>eu entronhei (eu enturmei x eu entrosei)</i> <i>folgosamente (folgadamente x fogosamente)</i> <i>estremular (estremecer x tremular)</i> <i>restrangidas (retraídas x restringidas)</i> <i>deturbação (perturbação x deturpação)</i> <i>devassadora (devastadora x avassaladora)</i> |
| <i>sobrelotada (sobrecarregada x lotada)</i> <i>entretudo (entretanto x contudo)</i> | |

Tabela 8. Exemplos

Através desta proposta os alunos podem ser instigados a imaginar novos termos sendo criados a partir daquelas palavras que eles já conhecem, e que podem ser até mais simples. Com base nesta sugestão alguns termos mais específicos podem ser criados, de acordo com a turma que será aplicada.

4.3 PROPOSTA DE ATIVIDADES

Neste item serão apresentadas algumas propostas de atividades que podem ser trabalhadas em sala, com o intuito de melhorar a compreensão dos alunos a respeito do tema trabalhado. A propósito como tem sido observado as referências nos livros e atividades são escassas no que diz respeito à etimologia, por isso a importância de mostrar para os educandos alguns termos e suas origens, desenvolvendo a curiosidade nos mesmos.

Ilari (2012) aponta algumas sugestões que podem ser trabalhadas em sala de aula, podendo ainda ser adaptadas de acordo com as turmas que irão estudar. As questões a seguir são retiradas de seu livro (p.83-85)

Exercícios

1. Os nomes próprios de pessoa pouco ou nada nos informam sobre as características das pessoas a quem são aplicados: no máximo, informam-nos sobre seu sexo. Mas na origem muitos desses nomes indicavam características físicas, procedência etc. Veja as definições etimológicas destes nomes, todos de origem latina:

Augusta – divina

Benedito – bem dito

Beatriz – que torna felizes

César – nascido mediante um corte

Cícero – grão-de-bico

Cláudia – manca

Cecília – ceguinha

Fausto – próspero

Flávia – loira

Letícia – alegria

Lívio – pálido (lívido)

Paulo – pequeno

Priscila – primeir(inh)a

Silvestre – do mato

Valério – doentinho

Você conhece alguma pessoa que tenha um desses nomes e que faça jus à sua definição etimológica? Se for o caso, conte sua história.

2. Um processo ao qual a língua portuguesa deve muitas palavras consistiu em usar apenas o adjetivo, em vez do par adjetivo + substantivo. Assim, a palavra *estrada* origina-se de “*via strata*”, literalmente, caminho que recebeu uma camada (estrato) de pedras como calçamento. Esse processo ainda está muito vivo no português. Procure estabelecer qual é a palavra que foi eliminada na posição correspondent às reticências; continue você mesmo essa lista.

UNIVERSIDADE FEDEI

– palavras de baixo escalão por palavras de baixo calão

6. Muitos verbos que dizem respeito às atividades abstratas originam-se de palavras que indicavam uma ação meramente física. Assim, *pensar* vem de *pensare*, “pesar, pôr nos pesos da balança”; *achar* vem de *afflare*, “farejar” (o cão que fareja a pista de um animal, acaba por encontrá-lo) etc. Esse procedimento ainda funciona hoje para a criação de novos sentidos. Usando os jornais dos últimos cinco dias, faça uma pequena coleção de manchetes em que uma palavra de significação inicialmente concreta foi usada para indicar uma ação abstrata

Exemplo: Governo *congela* preços de medicamentos.
etc.

7. Entre as palavras de origem africana que entraram para o português comum, estão os nomes dos deuses africanos venerados no Candomblé. Nos anos 1960, as religiões africanas e seus ritmos tradicionais foram, por assim dizer, “descobertos” pelos autores da música popular brasileira, que neles se inspiraram para criar algumas das mais belas canções de toda a musicologia brasileira. Procure ouvir uma gravação de “Arrastão” ou de “Canto de Ossanha”, de Baden Powell. Acompanhe com atenção a letra e, em seguida, responda:

- (1) Quais são as divindades africanas mencionadas na canção?
- (2) O que se diz delas?

8. Durante séculos, as línguas modernas, entre elas o português, foram buscar no grego radicais, prefixos e sufixos com os quais formaram novas palavras, que haviam se tornado necessárias devido às novas descobertas da ciência. Entre os nomes assim criados estão os de algumas doenças. Procure determinar que órgão(s) são afetados pelas doenças abaixo:

cistite
mastite
flebite
periostite
adenite
rinite
dermatite
otite
estomatite

Um sanduíche de calabresa e um pingado [as palavras procuradas são *linguiça e leite*].

Filas enormes nas lotéricas, devido à acumulação da mega-sena.

Crianças elegem seu bicho preferido no zoológico da cidade.

A jaqueta tem um bolso especial para você guardar seu celular.

Fotos tiradas numa polaroide, que permite a revelação instantânea.

Custos do tratamento de um molar e dois caninos.

3. Uma forma bastante difundida no Brasil de criar os nomes próprios consiste em juntar algumas sílabas do nome do pai com algumas sílabas do nome da mãe. Imagine que nome poderia ganhar uma criança do sexo masculino cujos pais se chamam:

Ubirajara e Paulina

José e Maria

etc.

(tente repetir a experiência com outros nomes para os pais e uma criança de sexo feminino).

4. A partir de uma mesma palavra latina, *digitus*, formaram-se em português as palavras *dedo* e *dígito*, além de uma série bastante grande de cognatos. Veja esta família de palavras. Procure decidir em quais delas a ideia de dedo está claramente presente e em quais ela está claramente ausente (não se preocupe se sobrar um “resto”):

– dedo, (impressão) digital, (imagem) digital, digitação, digitalizar, dedar, dedo-duro, dedurar, dedal, dedilhado

5. Você vai encontrar a seguir uma série de formas que não existem em nenhum dicionário, criadas por etimologia popular, que foram ouvidas e anotadas pelo autor deste livro. Procure explicar o raciocínio que está por trás de cada uma delas, e, se puder, acrescente formas criadas pelo mesmo processo, que você mesmo tenha observado:

– gosmético por cosmético

– paratrapo por esparadrapo

– vaziamé por vasilhame (aplicado a um engradado de cerveja onde só havia garrafas vazias)

– regrador por regador

– betorņeira por betoneira

– terraplanagem por terraplenagem

Nas atividades propostas acima Ilari (2012) aponta algumas sugestões que contribuem para o ensino, da etimologia da língua. No caso da primeira questão poderia ser elaborada uma lista de vocábulos de acordo também com a turma e o professor, esta atividade leva os alunos a refletirem a respeito do primeiro sentido das palavras e compreender sua origem. Desta forma podem-se trabalhar além de nomes próprios vários outros. A seguir quando ele sugere que os alunos podem contar a história do nome de alguém que possivelmente eles conheçam, é uma ótima oportunidade de explorar ainda mais o assunto de maneira reflexiva.

Outra questão muito interessante é a proposta número quatro, na qual Ilari (2012) traz exemplos de termos latinos como *digitus* e aponta algumas palavras que dela derivou. Neste

caso pode-se aproveitar para mostrar varias outras e explicar algumas indagações como a própria palavra *digital* relativo a *dedo*, que aparentemente nada tem a ver. Já em relação as demais questões, como está relacionado à etimologia, o autor aponta exemplos com palavras de origem africana e gregas, mas sem duvida podem ser adaptadas com vocábulos apenas de origem latina como é sugerido neste trabalho. No entanto em outro momento é essencial mostrar para os alunos outras origens da língua estudada.

Observa-se, por exemplo, que Ilari (2012) sugere em algumas questões diversas opções, desde mostrar o significado etimológico de alguns termos, a junção de sílabas para formar novos vocábulos. Traz ainda questões relacionadas à etimologia popular, que pode ser ampliada em sala de aula, utilizando termos sugeridos ou utilizados pelos próprios alunos ou que eles conheçam, isso tornará a compreensão mais acessível.

O mesmo autor aponta ainda a importância de estudar os afixos para a formação das palavras, nesta sugestão é trabalhado o sufixo *-ite* como formador de vocábulos referentes à doença, mas neste caso são de origem grega. Isso não impede de serem trabalhados outros prefixos e sufixos, desde que busquem sua raiz etimológica, com intuito de levar os alunos a refletir sobre a necessidade de conhecer a história dos vocábulos estudados, como e onde surgiram. Através de alguns exemplos que forem apresentados para os alunos, espera-se que haja uma motivação para que compreendam ao menos de forma introdutória a origem da língua, e conseqüentemente da formação do léxico falado por todos.

Desta forma é possível compreender que trabalhar em sala de aula aspectos etimológicos da língua é viável e possível de adaptação, além de muito importante para a formação cultural e linguística dos educandos. Como se pode perceber não se trata de algo tão complexo para ficar fora das aulas de língua portuguesa, deve sim ser inserido, de acordo com contexto no qual os alunos estão inseridos.

Em relação à abordagem semântica Ilari (2012) traz algumas propostas relacionadas ao ponto de vista sincrônico, em uma perspectiva lexical. Ou seja, mesmo tratando sobre alguns pontos muito importantes da etimologia, na perspectiva histórica não se aprofunda nas questões semânticas no sentido diacrônico, que é objeto deste estudo. Ele aponta com maestria várias atividades relacionadas ao campo semântico, objetivando “ampliar os recursos para análise dos aspectos nocionais dos significados as palavras” (ILARI, 2012, p. 39), no entanto visando outros rumos que não foram propostos aqui.

Além disso, aponta também várias atividades pelas quais podem ser pensadas algumas questões semânticas, como antonímia, sinonímia, homonímia, mas com sentidos que se estende à significação textual, à ambigüidade, enfim outras vertentes que não foram aqui

discutidas. Mesmo com essas propostas, o autor não apresenta sugestões de atividades na perspectiva da análise semântica do ponto de vista diacrônico.

Vale ressaltar que o estudo dos sentidos dos vocábulos numa perspectiva diacrônica, torna-se de difícil acesso, pois no livro didático que foi analisado, e até mesmo nas propostas de Ilari (2012) os recursos são escassos. Desta forma nota-se que isso gera dificuldades de se estabelecer no ensino da língua uma proposta onde sua origem seja abordada de maneira efetiva. Não é que haja uma regressão na forma do ensino, mas a busca pela compreensão da formação da língua falada e utilizada por tantos usuários deve ser um objetivo constante no estudo da língua.

De acordo com o que foi analisado neste item, foi possível observar que as abordagens a respeito da etimologia e da semântica são ainda limitadas no ensino e principalmente no material didático analisado. No entanto, foi possível observar também que esse conhecimento é necessário para busca da compreensão da formação histórica da língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a origem da formação da língua portuguesa é algo prazeroso e ao mesmo tempo necessário como se pôde observar ao longo do trabalho. Tal estudo torna-se essencial, pois a importância de conhecer a evolução da língua desde os primórdios até os dias atuais é muito grande, no entanto, foi possível constatar que na maioria das vezes essa abordagem é deixada de lado. Isso é notório, pois de acordo com as buscas realizadas nos materiais didáticos, e em gramáticas, por exemplo, observou-se que se trata de um tema bastante escasso.

Por conta desta escassez surgiu a preocupação de abordar este tema na sala de aula, tratar destas informações, mesmo que de uma maneira simplificada, e também de forma prática para os alunos, já que o mesmo é deixado de lado. Obviamente que a proposta não se trata de trabalhar simplesmente a história e todas as suas transformações morfológicas, sintáticas, fonológicas, enfim, o intuito é fazer com que os alunos conheçam a evolução da língua utilizada por eles, mostrando alguns processos pelos quais a língua passou ao longo do tempo, mas de forma acessível e reflexiva.

A preocupação é ainda mais evidente no que diz respeito aos aspectos etimológicos e semânticos, os quais no estudo do material analisado se resume a análise de como alguns vocábulos são formados. Ressaltando que esta formação se resume a exemplificação de algumas palavras que recebem afixos, ou vocábulos que se unem um ao outro para formarem novos termos com novos sentidos. O que causa limitação aqui, não é apenas o conteúdo apresentado, mas sim a forma como é apresentado, e em muitos casos como é trabalhado em sala de aula.

No intuito de contribuir com algumas propostas que venham a somar para o ensino reflexivo deste tema, numa perspectiva diacrônica da língua para a formação do léxico português, apresentou-se aqui uma pesquisa de atividades, enfatizando as relações etimológicas e semânticas. Tais atividades procuram ajudar a melhor compreensão no ensino. Vale ressaltar que mesmo com essa busca em autores renomados como Ilari (2012), ainda encontrou-se dificuldades para tratar da semântica na perspectiva proposta neste trabalho. Ou seja, há visivelmente uma escassez de material que aborde tais temas o que dificulta ainda mais no processo de ensino aprendizagem.

Desta forma, é possível dizer que o estudo da língua em um viés histórico em muitos aspectos é deixado de lado o que acaba por dificultar e promover a eficácia da aprendizagem no processo educativo, ou seja, do aluno. Levando em consideração as dificuldades que se

tem para abordar tais temas, os mesmos não devem ficar fora das aulas de língua portuguesa, até porque os falantes devem saber o que estão falando, porque estão falando. No entanto esta dificuldade não deve ser colocada em primeiro plano, ou vista como algo que não pode ser realizado, pois o ensinar é um aprendizado constante, uma busca incessante pelas melhores formas de atingir aqueles que estão ali para aprender.

Neste sentido o trabalho mostra que mesmo diante das escassas possibilidades da abordagem temática. É possível, viável e necessário o estudo da etimologia da formação lexical e ainda a busca do sentido, do significado dos termos, pois só assim pode-se compreender e apreender as raízes que cercam a formação de uma língua que derivou de outra, mas que por sua evolução tornou-se única: A Língua Portuguesa do Brasil.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo**. 29^o ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37^a ed. Rio de Janeiro: nova fronteira, 2009.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. O vocabulário na pesquisa e no ensino. In: In: BEZERRA, Maria Auxiliadora (org). **Estudar vocabulário: como e para quê?** Campina Grande: Bagagem, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília. 1997
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Caminho, 2006.
- COMBA, Júlio. **Programa de latim: Introdução à língua latina**. 19^o ed. São Paul: Editora Salesiana, 2003.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Editora ática, 2006.
- _____. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. 5^a. ed., 1^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 11.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LEAL, Audria Albuquerque. Vocabulário e aspectos linguísticos do português em livros didáticos. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora (org). **Estudar vocabulário: como e para quê?** Campina Grande: Bagagem, 2004.
- _____. Os exercícios de vocabulário nos livros. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BESERRA, Normanda da Silva (org.). **Tecendo texto, construindo experiências**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral de. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na pratica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PAIVA, Dulce de Faria. A Língua Literária do Século XV. In: Segismundo Spina (org.). **História da Língua Portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

SARMENTO, Leila Lauar. **Português: Leitura. Produção. Gramática.** -3ª ed. – São Paulo: Moderna, 2009.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução aos estudos da Filologia Portuguesa.** 2.ed. revista e ampliada por Evanildo Bechara e Joram Pinto de Lima. Rio de Janeiro, Grifo, 1976.

ULLMAN, Stephen. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. 3ª ed. Tradução J. A. Ósorio Mateus – Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian, 1964.